

2

O Custeio Tradicional

A avaliação do desempenho para tomada de decisão sempre foi, e sempre será, uma necessidade dos gestores não só para a manutenção da empresa em seu mercado, mas principalmente para o seu crescimento. Neste ponto a correta apuração dos custos é uma necessidade do gestor de logística para possibilitar o encaminhamento correto das decisões de curto e longo prazo.

Segundo Christopher (1997, p. 60):

Uma vez que o gerenciamento logístico é um conceito orientado para o fluxo, com o objetivo de integrar recursos ao longo de todo o trajeto que se estende desde os fornecedores até os clientes finais, é desejável que se tenha um meio de avaliar os custos e o desempenho deste fluxo.

Analisando alguns autores e me valendo da análise já feita por eles, é possível identificar a não satisfação destes com a apuração dos custos pela contabilidade tradicional. Há sempre críticas sobre a impossibilidade de análise dos custos por cliente, por produto ou por mercado. Os sistemas de contabilidade tradicional estão focados na alocação de custos indiretos e custos dos produtos, deixando de lado as análises por processo e desempenho.

Lambert *et al* (1998 p. 31) afirmam que “o setor contábil não apresentou uma evolução à altura do crescimento da logística e tem demonstrado relativamente pouco interesse na área. Conseqüentemente, dados importantes sobre custos não estão disponíveis”.

Faria e Costa (2005) cita que “há críticas intensas sobre os sistemas contábeis que segundo diversos autores, tais como Magee (1977), Ballou (1993 e 2001), Pohlen e La Londe (1994), Craig (1998), Dornier (2000), e Browsersox e Closs (2001), entre outros, não conseguem suprir as necessidades dos gestores logísticos”.

As metodologias mais freqüentemente utilizadas pelo custeio tradicional são:

- Método do centro de custos: onde a empresa é dividida em centros de custos que, normalmente, representam os setores organizacionais da empresa;

- O Custeio variável: que aloca os custos variáveis ao produto, mas deixa de fora os custos fixos sendo estes alocados ao custo do período, como cita Faria e Costa (2005) “é importante frisarmos que, para a valorização dos estoques, só serão atribuídos aos produtos os Custos variáveis, sendo os Custos fixos tratados como custos do período”.

As informações de custos devem estar disponíveis de maneira que os gestores de logística possam avaliar os *trade-offs* e tomar decisões que levem ao aumento do ganho da empresa. Christopher (1997) comenta que “sem um sistema de contabilidade de custos dirigido à logística, fica extremamente difícil a quantificação do custo/ benefício de um trade-off”.

A má qualidade da informação de custos pode trazer uma série de distorções no processo de tomada de decisão. Usualmente, são utilizadas informações da contabilidade da empresa para fins gerenciais. No entanto, o fato destas estarem direcionadas a um objetivo sobretudo fiscal e com foco na produção, pode prejudicar, ou mesmo inviabilizar, algumas análises gerenciais. (LIMA, 1998)

Mas o que afirma Gasparetto (2004) é:

A partir dos lançamentos contábeis que realiza, a Contabilidade possui uma grande base de dados das transações ocorridas nas empresas, e desde que esses registros e seu processamento tenham sido executados respeitando regras norteadoras, como são os Princípios fundamentais de Contabilidade e as determinações da Lei 6.404/76, os diversos interessados na informação poderão processá-la e incorporar a ela outros dados, como dados econômicos ou físicos, a partir de sua necessidade, gerando informações agregadoras de valor aos seus usuários.

Isto implica em dizer que no Brasil são necessários dois tipos de contabilidade, a societária que segue os parâmetros legais e a gerencial que deve ser construída de tal maneira que forneça as informações necessárias para uma gestão que garanta melhores resultados à empresa.

Estas inadequações da contabilidade vêm sendo apontadas há décadas, como descrito acima, mas principalmente no Brasil ainda são poucas as empresas que realizaram mudanças em sua forma de contabilizar os custos. McNair (2000) *apud* Faria e Costa (2005) afirma que esta foi uma tendência do século 20, mas que para o século 21 as práticas contábil-gerenciais devem mudar, focalizando a gestão de custos e eventos externos. De fato, várias

ferramentas que foram criadas ainda no século 20 estão ganhando cada vez mais espaço nas empresas, como por exemplo, o Custeio Baseado em Atividades (ABC).